



## HISTÓRICO DA COABITAÇÃO, COM ÊNFASE NA FORMA DE VIVER EM *CO-LIVING*

*Cohabitation history, with emphasis on co-living*

Gustavo Ferreira da Silva<sup>1</sup>; Angélica Kohls Schwanz<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa tem por objetivo apresentar a evolução histórica acerca da temática de coabitação, desde seu surgimento como *cohousing*, na Dinamarca na década de 60 até os dias atuais. A partir de uma pesquisa bibliográfica procura entender a evolução das habitações mínimas, frente às necessidades humanas em relação a moradia.

**Palavras-chave:** Habitação. Comunidade. Colaboração.

**Abstract:** This research aims to present the historical evolution on the theme of cohabitation, since its emergence as *cohousing* in Denmark in the 60's until the present day. From a bibliographical research seeks to understand the evolution of minimum housing, facing human needs in relation to housing.

**Keywords:** Housing. Community. Collaboration.

### 1 INTRODUÇÃO

O *co-living* é uma forma de viver baseada nos princípios de coabitação, que tem por vantagens a colaboração entre pessoas, criando uma familiaridade e conseqüentemente a integração intergeracional, além de buscar solucionar problemas atuais da sociedade como os de mobilidade. Alguns modelos de moradia compartilhada possuem semelhanças com o *co-living*, em muitos aspectos, como as repúblicas, ecovilas, e o *Cohousing*. Segundo Rocha (2018 apud SCOTTHANSON, 2005) essas temáticas assemelham-se em questões referentes ao processo participativo; projeto urbano do local onde o empreendimento está inserido; delimitação de regras de espaços comuns; em alguns casos refeições compartilhadas; conselho de gestores representados pelos próprios moradores, havendo ou não a presença de autoridade;

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: [gustavo.ferreira@outlook.com](mailto:gustavo.ferreira@outlook.com)

<sup>2</sup> Professora orientadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo – Unicruz. [aschwanz@unicruz.edu.br](mailto:aschwanz@unicruz.edu.br)



fontes de renda para fins de diluir custos do interesse comum e a delimitação do tamanho da comunidade.

Contudo pode-se dizer que o tema é a evolução do *cohousing* – que se caracteriza como uma comunidade formada por residências particulares, que ficam agrupadas em torno de espaços compartilhados. Geralmente essas comunidades são compostas por pessoas que possuem os mesmos interesses e valores, e com isso concebem juntas, um espaço para morar em harmonia e equilíbrio entre a privacidade e a comunidade. Uma das principais características dessas comunidades são os aspectos sustentáveis implantados, nos quais as soluções e técnicas arquitetônicas aplicadas visam a geração de energia solar, reutilização da água da chuva, além de ações diárias com incentivo a práticas sustentáveis.

A dinâmica da comunidade tem por base famílias que possuem suas casas com características tradicionais, dispendo das comodidades habituais de uma residência, e que compartilham de áreas de lazer como jardins e espaços de recreação, lavanderias, cozinhas com espaços para refeições coletivas etc. Segundo Rocha (2018) o fundamento do *cohousing* é a vida em comunidade, em que o conhecimento mútuo e o a cultura de cuidar uns dos outros, compartilhando experiências com o objetivo final do benefício comum, são prioridades.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi elaborado na disciplina de Trabalho de Curso I, como requisito parcial para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo. Como método de estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, para o estabelecimento do estado da arte, acerca do histórico da habitação compartilhada, desde a década de 60 com o surgimento da coabitação até os dias atuais.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1- A origem da habitação compartilhada

O termo *co-living* traduz literalmente a convivência em comunidade, no entanto em uma temática mais atual. A convivência em comunidade tem origens há milhares de anos, já no período neolítico, com a revolução agrícola o ser humano passou a ter necessidade de um abrigo, deixando de ser nômade, cultivando seu próprio alimento e domesticando animais (MAZOYER, ROUDART, 2010). Desde então viver em comunidade, passou a evoluir, assim



como a habitação, refletindo as questões culturais e as necessidades de determinada civilização. Posteriormente em meados do séc. XIX com a forte industrialização das cidades, com o movimento operário e as consequências do capitalismo, surgiram os edifícios, na época, chamados de cortiços, que atendiam a classe assalariada, porém não apresentavam condições dignas de moradia e eram lugares insalubres e promíscuos. No séc. XX as questões habitacionais ainda apresentavam problemas de densidade e infra-estrutura, porém durante o movimento moderno a habitação passou a ter maior importância social (CASELLI, 2007).

O conceito de compartilhar funções tem origem logo após a Segunda Guerra Mundial, quando houve a busca de novas técnicas construtivas, para a reconstrução de cidades que haviam sido devastadas devido à grande demanda por habitação, segundo Caselli (2007) houve uma verdadeira revolução de costumes e na forma de se construir habitações, refletindo também na distribuição dos espaços, e com isso desenvolveu-se na Europa o conceito de habitações mínimas.

As habitações mínimas refletiam o desejo dos arquitetos modernistas em resolver todos os problemas da sociedade pós-guerra mundial, sendo um deles o déficit habitacional, e buscavam atender as necessidades dos usuários incluindo em seus projetos um dimensionamento mínimo e conforto ambiental, os prédios também apresentavam espaços compartilhados que atendiam as carências dos condôminos (FARIAS et al., 2018).

Entre os anos de 1900 a 1960 houve a consolidação do movimento modernista referente à temática de habitação mínima, quando Le Corbusier elaborou diversos projetos, baseados em sua ideia de “máquina de morar”, que tinha como objetivo a construção de habitações em série, de forma funcional e racional. A proposta de Le Corbusier segundo Benevolo (2006) foi inovadora e revolucionária para época, que ainda não vivia de forma tão intensa os efeitos da globalização.

Em 1945, Le Corbusier projetou uma unidade de habitação para Marselha – França, o empreendimento, para o qual o arquiteto recebeu, do Ministério Francês da Reconstrução, total liberdade de criação e foi concluída em 1952. Na *Unité d’habitation* (figura 01) de Marselha existem unidades habitacionais de variados tamanhos, que atendem desde solteiros a famílias de oito pessoas. O projeto foi um dos primeiros que tinham como objetivo a vida comunitária para todos os condôminos (CASELLI, 2007).



Figura 01 - *Unité d'habitation de Marseille* projetada por Le Corbusier.



Fonte: *Fundation Le Corbusier*, 1997.

No Brasil a temática, tornou-se referência para Oscar Niemeyer, que projetou o edifício JK, inaugurado em 1970, em Belo Horizonte, o empreendimento representa a idealização da habitação coletiva social, com a intenção de múltiplas funções em um só lugar. A expressão “cidade dentro da cidade” representava os mais de cinco mil moradores, distribuídos em duas torres com 1.086 apartamentos que possuem 13 layouts de distribuição espacial. O conjunto tem como característica a autossuficiência e oferece aos seus condôminos inúmeros serviços compartilhados, dentre eles: hotel, lavanderias, garagens, museu de arte, teatro, boate, quadras de esporte, salão de festas, centro comercial, escritórios, padaria, açougue, bares/ restaurantes etc. (FARIAS et al., 2018).

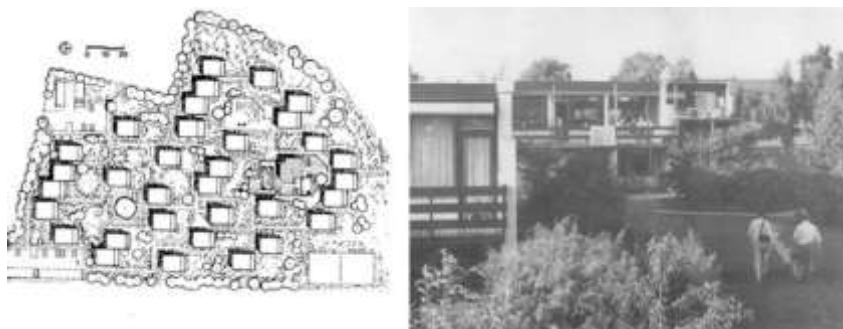
### 3.2- Habitação compartilhada na prática

O conceito de coabitação surgiu por volta de 1964, na Dinamarca – país nórdico da Europa, quando o arquiteto Jan Gudmand-Høyer e um grupo de famílias insatisfeitas com seu modo de viver, resolveu pôr em pauta suas necessidades e falar sobre moradia. Gudmand-Høyer solicitou a esse grupo que idealizassem um estilo de vida e um lugar que ainda não existisse, e que viesse a atender às necessidades de uma comunidade diversificada, deste modo constatou-se que diferentes gerações possuem necessidades distintas, com isso o principal objetivo era criar um modo de vida mais prático e saudável para essas gerações. No decorrer das discussões foi criado um plano para um ambiente de vida favorável, Gudmand-Høyer estimulou um movimento de autodesenvolvimento e o grupo adquiriu, próximo a Copenhague, lotes para a implantação do empreendimento. Foi desenvolvido o projeto para residências geminadas que envolviam as áreas comuns, as unidades independentes possuíam espaços mais compactos, e os espaços em comum foram priorizados (MCCAMANT; DURRETT, 2017). Na figura 02 o primeiro *cohousing* idealizado por Gudmand-Høyer para vinte e sete famílias.





Figura 02 – Aldeia Skraplant, 1973.



Fonte: MCCAMANT; DURRETT, 2017.

No ano de 1988 Kathryn McCamant e Charles Durrett evidenciaram o termo *Cohousing*, e a partir de então a dupla vem trabalhando com grupos interessados em coabitar, criando bairros de alta funcionalidade nos Estados Unidos e Canadá. Até então já foram projetadas mais de 50 comunidades deste tipo (MCCAMANT; DURRETT, 2017).

A *Silver Sage Village* (figura 03) é uma comunidade localizada em Boulder - Colorado, e foi projetada por McCamant e Durrett, no ano de 2007. A comunidade é composta por dezesseis famílias e vinte e quatro membros, cada família possui sua própria casa, distribuída no entorno de um pátio central. Os moradores também dispõem de um espaço com cozinha industrial, sala de jantar, sala multimídia, espaço para artesanato, espaço *fitness*, sala de meditação, quarto de hóspedes, depósito e ambientes usados por pessoas não pertencentes à comunidade, para eventos diversos (SILVER SAGE VILLAGE, 2019).

Figura 03 – Pátio central do *Silver Sage Village*.



Fonte: MCCAMANT; DURRETT, 2019.

Atualmente cerca de 50.000 pessoas vivem em comunidades de coabitação. A temática também se tornou presente na Suécia, com auxílio do movimento feminista sueco que



facilitou a implantação do tema, como maneira de compartilhamento de tarefas e igualdade de gênero. Na Holanda a primeira comunidade foi a *Centraal Wonen*, e atualmente já existem mais de 100 projetos espalhados pelos Países Baixos. A Alemanha possui um crescimento significativo do tema, e na região de Berlim existem mais de 150 projetos de coabitação, configurando o país como um centro mundial de *cohousing*.

A nova forma de viver está crescendo no restante da Europa, como na França, Espanha, Bélgica, Itália, assim como na América do Norte que, graças a McCaamant e Durrentt, o tema já se encontra consolidado (UKCOHOUSING, 2019). Nos Estados Unidos a primeira comunidade foi inaugurada em 1991, a *Muir Commons* em Davis – Califórnia, que atualmente é lar de cerca de 45 adultos e 35 crianças, distribuídos em 26 residências em um terreno de aproximadamente três hectares (MUIR COMMONS COMMUNITY, 2019).

No Brasil a temática de coabitação é defendida e semeada pela arquiteta e urbanista Lilian Avivia Lubochinski, fundadora, no ano de 2013, do Grupo Co-lares Brasil (VEIGA, 2016). O conceito é ainda vanguardista no país, no entanto já existem projetos em funcionamento, atualmente a Vila ConViver é direcionada para pessoas aposentadas, essas comunidades são conhecidas como *Cohousing-sênior*, Lubochinski salienta que vizinhos todos nós já temos, porém o desafio dos co-lares para idosos é que as pessoas querem viver perto de quem elas possuem um vínculo afetivo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, o *co-living* é uma tendência irreversível no mundo todo e cada vez mais popular no Brasil, principalmente por sua forma acessível, descomplicada e de vivência coletiva. Esse novo modo de morar promete revolucionar os aluguéis convencionais. A temática do *co-living* comparada com empreendimentos de habitação mínima do século passado, assemelham-se em relação às unidades habitacionais, hoje chamadas de *studios* e apartamentos *garden*, no entanto a falta de sucesso das habitações mínimas se devia ao tipo de público para o qual o empreendimento era direcionado, o objetivo de diminuir as porcentagens do déficit habitacional, englobava pessoas que necessitavam de um abrigo, e talvez o principal problema tenham sido as áreas mínimas, uma vez que essa questão se torna subjetiva aos olhos de um grupo de pessoas, segundo Caselli (2007) o mínimo é relativo, e cada pessoa possui necessidades diferentes.



Para Farias et al. (2018) o tema talvez seja uma leitura das necessidades da cidade atual, e das novas gerações, principalmente a geração “z”, que abrange as pessoas nascidas entre 1994 e 2010, esse grupo de indivíduos com aproximadamente 25 anos segue padrões de vida totalmente diferentes das gerações passadas e valoriza a simplicidade, redução de custos, sustentabilidade, mobilidade, trabalho colaborativo, liberdade sexual e, principalmente, a possibilidade de não se fixar a lugares e poder ser cidadão do mundo.

## REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CASELLI, Cristina Kanya, **100 anos de habitação mínima. Ênfase na Europa e Japão**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2621/1/Cristina%20Kanya%20Caselli1.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2019.

FARIAS, Luis Felipe De. Et al. **O que é co-living**, 2018, Horizontes arquitetura + Urbanismo, 2018. Disponível em: <<http://horizontesarquitectura.com.br/bloghorizontesarquitectura/2018/9/10/co-living>>. Acesso em 10 abril de 2019.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **Histórias das agriculturas no mundo – do neolítico à crise contemporânea**. 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/lovois-de-andrade-miguel-1/mazoyer-m-roudart-l-historia-das-agriculturas-no-mundo-do-neolitico-a-crise-contemporanea-brasilia-nead-mda-sao-paulo-editora-unesp-2010-568-p-il>>. Acesso em 08 de abril de 2019.

MCCAMANT & DURRETT ARCHITECTS. **R.I.P. Jan Gudmand-Høyer, a visionary in cohousing**. 2017. Disponível em: <<http://www.cohousingco.com/blog/2017/3/8/rip-jan-gudmand-hyer-a-visionary-in-cohousing>>. Acesso 03 de abril de 2019.

MUIR COMMONS COMMUNITY. **Home**, 2019. Disponível em: <<http://www.muircommons.org/home>>. Acesso em 08 abril de 2019.

ROCHA, Maria Clara Fernandes de Medeiros. **Cohousing: uma alternativa de moradia para idosos independentes**. Natal, 2018. Disponível em: <[https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/7587/1/Maria%20Clara\\_TFG\\_Final\\_Corrigido\\_OK.pdf](https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/7587/1/Maria%20Clara_TFG_Final_Corrigido_OK.pdf)>. Acesso em 03 de abril de 2019.

SILVER SAGE VILLAGE. **Our Community**, 2019. Disponível em: <<http://silversagevillage.com/our-community/>>. Acesso em 10 abril de 2019.



VEIGA, Edilson. **Casa ‘compartilhada’ vira opção em SP.** Jornal Estadão, 2016.  
Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/casa-compartilhada-vira-opcao-em-sp/>>. Acesso em 08 abril de 2019.

UKCOHOUSING. **Cohousing worldwide**, 2019. Disponível em:  
<<https://cohousing.org.uk/about/cohousing-worldwide/>>. Acesso em 08 abril de 2019.